



MAYARA ZAVALSKI FIORI

***Desmundo em uma perspectiva sintática: gramática quinhentista ou português brasileiro?***

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Profa. Dra. Aline Peixoto Gravina.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 26/11/2021.

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Lilian'.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lílian Teixeira de Sousa (UFBA)

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Claudia A. Rost Snichelotto'.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudia Andrea Rost Snichelotto (UFFS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Morgana Fabíola Cambrussi (UFFS - membro suplente)

## **DESMUNDO EM UMA PERSPECTIVA SINTÁTICA: GRAMÁTICA QUINHENTISTA OU PORTUGUÊS BRASILEIRO?<sup>1</sup>**

Mayara Zavalski Fiori<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho aborda dados de fenômenos sintáticos, a saber: sujeito nulo, inversão do sujeito (VS), colocação clítica e interpolação, resultados quantitativos e qualitativos, encontrados na obra *Desmundo*, escrita por Ana Miranda (1996). O enredo da história relata a trajetória de jovens órfãs que foram enviadas para o Brasil, em 1555, para se casarem com cristãos que habitavam a colônia. A autora afirma que realizou estudos em textos dos séculos XV e XVI para escrever as falas das personagens e, com isso, alega que reproduziu o português quinhentista em seu romance. A partir desse contexto, este trabalho realizou o levantamento de dados tendo como base as construções sintáticas dos diálogos dos personagens de *Desmundo*. Metodologicamente, averiguou-se a quantidade de sujeitos preenchidos (SP) em contraste com os sujeitos nulos (SN); foram classificadas as tipologias das orações, se coordenadas, matrizes, subordinadas, interrogativas e/ou relativas; foram descritos e quantificados os dados obtidos de sujeitos realizados pré-verbais (SV) e os dados com sujeitos realizados pós-verbais (VS); averiguou-se a posição preferencial dos clíticos, próclise, ênclise e mesóclise; e descreveu-se o fenômeno da interpolação, construção presente apenas no Português Arcaico (PA) e no PM. Após analisar todas as sentenças obtidas no *corpus* com estes contextos, chegou-se à conclusão que a autora reproduziu uma gramática mista, pois há elementos que remetem à reprodução do PM, como o uso de interpolação, porém, também é possível ver os vestígios da consciência gramatical de uma falante do PB do século XX interferindo nas sentenças, especialmente pela inexistência do uso de mesóclise na obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** teoria gerativa; português quinhentista; português brasileiro; interpolação.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador(a) Prof(a). Dr(a). Aline Peixoto Gravina.

<sup>2</sup> Graduanda da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS - *campus* Chapecó.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou fazer uma descrição de alguns fenômenos da/s gramática/s produzidas por Ana Miranda em seu romance *Desmundo*, publicado em 1996. A obra narra a trajetória de jovens órfãs que foram enviadas para o Brasil, a mando da rainha de Portugal, para se casarem com cristãos que habitavam a colônia. A protagonista desta história trata-se de Oribela, que se casa contra sua vontade com o português Francisco de Albuquerque. Frustrada com toda a situação, a personagem principal arquiteta todos os dias seu retorno para Portugal e, com isso, planeja várias fugas, até envolver-se com Ximeno, um mouro que lhe dá abrigo em sua casa e apaixonam-se perdidamente. Com isso, o livro deixa um final em aberto, pois a última visão da órfã é de Ximeno segurando seu filho no colo, porém, não há a continuidade para sabermos se os dois conseguiram viver este amor proibido ou não.

No romance também há outras histórias em paralelo com a de Oribela, em todas elas fica evidente o papel de submissão das mulheres neste período. A autora, Ana Miranda, apesar de escrever uma obra ficcional, busca contextualizar sua narrativa com fatos reais, pesquisados em livros e em textos históricos, trazendo algo próximo à realidade da época. E com isso, a escritora alega que buscou reproduzir, o máximo possível, uma escrita do século XVI, por este motivo, a obra conta com um léxico que possui inúmeros arcaísmos<sup>3</sup>, o que, por muitas vezes, dificulta o entendimento do enredo.

Conforme afirma Luiz Carlos Amorim, em sua resenha intitulada *Desmundo: uma nova língua?*, a leitura da obra torna-se cansativa, uma vez que a forma de escrita e o uso de vocabulários em desuso prejudicam a compreensão. Nas palavras do autor:

[...]Além disso, a autora tentou - e conseguiu, acho - usar a maneira de falar da época da colonização do Brasil pelos portugueses, isto é: a maneira de falar dos portugueses de quatro séculos e meio atrás. E como a narradora é uma das órfãs que o reinado português mandara para o Brasil para casar com os homens que aqui estavam "em pecado", o modo de falar não poderia ser dos mais cultos. Além da falta de pontuação, os períodos enormes e às vezes desconexos, complicam ainda mais a compreensão. Quanto às palavras novas - ou tão velhas que são desconhecidas, sem nenhum significado para nós, atualmente - precisaríamos de um dicionário aberto durante toda a leitura do livro, o que demandaria um enorme tempo

---

<sup>3</sup> São palavras em desuso as quais não são utilizadas no português atual, tanto no modo oral quanto no modo escrito, porém, em outros tempos apareciam com frequência e faziam parte do léxico do período.

para se conseguir terminar de lê-lo. Seria quase uma tradução. (AMORIM, 2007, p.1)

Desta forma, foi criado um *corpus* inédito<sup>4</sup>, em que se coletou todas as sentenças finitas presentes no texto e classificou-se sintaticamente em uma planilha de Excel, com a finalidade de descrever, de forma quantitativa e qualitativa, alguns fenômenos linguísticos produzidos pela autora. A partir dessa descrição, buscou-se analisar as possíveis gramáticas encontradas no romance, investigando se a autora teve êxito em seu propósito de ter uma obra próxima à escrita do século XVI, tendo em vista aspectos sintáticos e não apenas os lexicais. Seria uma gramática do português do século XVI ou do português do século XX?

Os principais trabalhos produzidos sobre a obra *Desmundo* não problematizam essa questão e, portanto, deixam essa pergunta em aberto. Esta pesquisa considera algo muito peculiar e bastante curioso que uma autora do século XX afirme, com tanta certeza, que recriou uma linguagem dos séculos 15 e 16 para escrever sua obra. Assim, para dar indícios de respostas à pergunta "*qual gramática produzida por Ana Miranda?*", montou-se um *corpus* com o propósito de identificar o período de alguns aspectos sintáticos, tendo como metodologia um estudo comparativo com trabalhos diacrônicos sobre a sintaxe do português quinhentista.

Para discutir e analisar os contextos gramaticais encontrados, as sentenças classificadas tiveram como foco a presença/ausência de sujeito, ordem do sujeito preenchido, classificação dos tipos de sentenças e posição dos clíticos, variáveis entre próclise, ênclise e mesóclise, como podemos encontrar em textos de Gil Vicente, como no *Auto da Barca do Inferno*, que entrou em cena pela primeira vez no ano de 1517, período próximo ao que a autora Ana Miranda relata se passar o contexto de sua obra. Vejamos:

(1)

- a) Ênclise: “FIDALGO — **Parece-te** a ti assim.” (VICENTE, 2005, p. 9, grifo nosso)
- b) Próclise: “[...] confiei em meu estado e não vi que **me perdia**.” (VICENTE, 2005, p. 11, grifo nosso)
- c) Mesóclise: “[...] E porque de generoso desprezastes os pequenos, **achar-vos-eis** tanto menos quanto mais fostes fumoso.” (VICENTE, 2005, p. 12, grifo nosso)

---

<sup>4</sup> O *corpus* inédito citado trata-se de uma Iniciação Científica intitulada “*Desmundo: estudo sobre a ordem do sujeito gramatical na obra literária de Ana Miranda*” realizada de 2019 a 2020 pela autora deste trabalho e sua orientadora Aline Peixoto Gravina.

A partir das análises desses contextos sintáticos, o presente trabalho busca apontar indícios da gramática que Ana Miranda utilizou ao escrever seu romance, tendo por base teórica os estudos da Gramática Gerativa, os quais afirmam que um falante nativo possui uma gramática internalizada e, portanto, produzirá a gramática de seu tempo (CHOMSKY, 1981).

Segundo Chomsky e Lasnik (1993), o que determina a possibilidade de uma sentença ser gramatical ou agramatical é através da intuição do falante que construiu a sentença naquela determinada língua, ou seja, a “Gramática Universal” (GU) presente no cérebro de cada indivíduo faz parte do que chamamos de “faculdades inatas” que todo falante de um idioma possui. Então, é um tanto quanto curioso quando nos deparamos com Ana Miranda afirmando que conseguiu reconstituir a gramática do século XVI em seu livro, já que ela não é uma integrante do século XVI, e sim uma mulher que possui sua gramática alicerçada no século XX, período de seu nascimento.

Em contrapartida, ao mesmo tempo entende-se que por ser um trabalho de língua escrita, passível de revisões e revisitações antes de uma publicação, a autora pode apresentar sucesso na reprodução da obra, uma vez que mesmo não tendo a intuição da época, um estudo minucioso poderia trazer reflexos de construções sintáticas do período. Ao realizar o levantamento inicial dos dados com clíticos, observou-se a existência de um fenômeno característico do Português Arcaico (PA) denominado *interpolação*<sup>5</sup>. Dessa forma, por uma questão de recorte do estudo e por ser uma construção inexistente no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE) atual, este trabalho debruçou-se em averiguar esse contexto de forma mais pormenorizada.

Segundo Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) a periodização do português pode ser encontrada inicialmente em três formas, sendo elas: o Português Arcaico, o Português Clássico, e o Português Europeu, além disso, estudiosos também reconhecem uma quarta variante: o Português Brasileiro. Desta forma, o “Português Arcaico” é utilizado para referir-se à língua portuguesa produzida nos anos anteriores a 1400. Após este período encontra-se uma gramática intermediária, localizada entre o medieval e o contemporâneo, com textos quinhentistas tardios, seiscentistas e setecentistas, com isso, alguns estudiosos denominam este período como “Português Clássico”. Contudo, utilizaremos a denominação “Português Médio” (PM), que se trata da gramática com duração entre os séculos 14 a 17, e é um período de transição, conforme afirma Galves (2004) e Paixão de Sousa (2004, 2008),

---

<sup>5</sup> Este fenômeno e demais conceitos presentes serão discutidos na seção 4 deste trabalho.

com isso, lida com a escrita medieval em seu estágio final, juntamente com a escrita barroca e renascentista, acredita-se que esta denominação é a que mais se encaixa para este estudo. O período que se passa o enredo do livro, se trata do ano de 1555, ou seja, século XVI, justamente nesta época é o que ocorre a transição do português, segundo os estudiosos, portanto, para o presente estudo, lidaremos com uma possibilidade de reprodução de um PM.

Como o livro possui um léxico com muitos elementos em desuso que remetem a um português arcaico, antes da leitura do livro, coleta dos dados e a transcrição para a planilha de Excel, primeiro assistiu-se ao filme, que tem como base a obra de Ana Miranda. Com o mesmo título do livro e com a direção de Alain Fresnot, lançado no ano de 2003, o filme se trata de um trabalho cinematográfico legendado, já que a linguagem utilizada tenta seguir o que está presente no livro, sem este recurso dificultaria bastante o entendimento da obra. Mesmo antes de se realizar uma análise do livro, observou-se que a gramática utilizada por Ana Miranda era algo complexo, pois a leitura se dava de forma mais lenta, devido, inicialmente, aos arcaísmos e aos longos períodos justapostos nos parágrafos. Dessa forma, assistir ao filme legendado foi um recurso que ajudou a descortinar o enredo do texto, especialmente, o contexto do período retratado. Sendo assim, justificativa-se a presente análise por não haver nenhum trabalho que tenha descrito e apresentado quais seriam as características sintáticas existentes na gramática presente na narrativa do texto.

Para apresentar os desdobramentos deste estudo, este trabalho está dividido da seguinte forma para melhor organização: na seção 2, encontramos Contextualização de *Desmundo* e metodologia de trabalho, em que é possível compreender o enredo e como foi realizada a construção do *corpus* inédito. Na seção 3, Levantamento de dados para identificação da gramática produzida em *Desmundo*, são discutidos os contextos sintáticos selecionados para o estudo desse trabalho; na seção 4, O fenômeno da interpolação, será aprofundado o conceito deste acontecimento e em qual período do português ele é encontrado. Por conseguinte, encontramos na seção 5 a Interpolação em *Desmundo*, e no item 6, Os clíticos em *Desmundo*. Para finalizar, na seção 7 são escritas as Considerações finais desse estudo.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO DE *DESMUNDO* E METODOLOGIA DE TRABALHO**

*Desmundo* é um livro que foi publicado no ano de 1996, escrito por Ana Miranda, em que se narra a trajetória de jovens órfãs que foram enviadas ao Brasil para casarem-se com cristãos que habitavam a colônia em meados do século XVI, mais precisamente no ano de 1555. A protagonista, Oribela, é quem narra a própria história, que consiste em planejar todos os dias sua fuga para retornar à Portugal, após casar-se forçadamente com o português Francisco de Albuquerque. Ana Miranda contextualiza o romance buscando elementos reais desse período, como pode ser visto desde a abertura de sua obra em que há trechos da carta de Manoel da Nóbrega endereçada a EL-Rei D. João, em que o autor explicita a necessidade da “importação” de mulheres brancas para garantir uma descendência legitimamente portuguesa aos até então “donos” do Brasil.

No início do livro, é possível perceber as diferenças entre o opressor e o oprimido, uma vez que o papel da mulher neste período fica evidente de ser mero objeto em que os homens importavam conforme suas necessidades. Além disso, como as negras e índias não eram, via de regra, cristãs, qualquer relação com elas era vista como um atentado às regras de civilidade e de religiosidade, o que justificava a necessidade desta certa “importação de mulheres brancas” como diz a carta de Padre Manoel da Nóbrega ao EL-Rei na primeira página de *Desmundo*:

Já escrevi a Vossa Alteza a falta que há de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura delas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartarse-hão do pecado. (MIRANDA, 1996, p. 7).

Além do uso de documentos reais para maior contextualização de sua história ficcional, Ana Miranda também busca acrescentar um léxico quinhentista para os personagens. Devido a esse propósito, a escritora afirma que demorou um ano e meio para concluir a obra, pois para escrever o livro foi como “aprender uma nova língua”, pois se dedicou a resgatar elementos linguísticos da época aproximada do enredo. Com isso, a autora incluiu frases de difícil entendimento para os tempos atuais com uso de trechos com palavras arcaicas, tais como por exemplo: “Mulher infiel levará a cabeça descoberta por **tosquia** em pena de **decalvação** e **lha** porá o esposo em cima **dum sendeiro dalbarda**” (MIRANDA,

1966, p. 66, grifo nosso). Em toda obra são comuns de ser encontrados vocábulos arcaicos durante a história.

Para conseguir esse efeito, a autora alega que realizou estudos em textos dos séculos XV e XVI para escrever as falas dos personagens do romance e, com isso, afirma que reproduziu em seu livro um Português Arcaico (PA) do século XVI. Ou seja, não seria encontrado no livro um texto escrito no padrão do Português Brasileiro (PB) do século XX. É possível encontrar o relato da própria autora sobre esse tema em uma entrevista dada via e-mail para a pesquisadora Ana Carolina Assis:

Como pesquisei: Meu método não pode ser chamado propriamente de pesquisa. Seria mais um trabalho de viajante da imaginação. Leio livros da época, e leio tantos, e tantas vezes que me impregno daquela realidade, daquela época. Há anos venho recolhendo livros sobre os diversos temas que pretendo abordar. Para a recriação da linguagem, li e reli textos do final do século 15 e século 16, de forma a absorver o espírito da linguagem. Recolho, anoto palavras, expressões, frases, versos, que pressinto terem lugar na minha narrativa. Existem passagens no livro que remetem ao discurso vicentino.

Você utilizou em suas pesquisas a obra de Gil Vicente, como A farsa de Inês Pereira e/ou o Auto da Barca do Inferno? (a figura da velha me lembra o parvo da barca) Sim, muitas das expressões e palavras que uso são de Gil Vicente (uxtix uxe xulo cá, por exemplo), e também a descrição da passagem da rainha pelo caminho do mosteiro de Xobregas. Mas não me inspirei no parvo da barca para criar a Velha; inspirei-me, sim, nos parvos da História trágico-marítima para criar o parvo do Desmundo. (ASSIS, 2007. p.90).

A partir da afirmação de Ana Miranda, este trabalho selecionou sentenças para constituir um *corpus* linguístico na busca por indícios não apenas de palavras/léxicos arcaicos, mas sim da gramática produzida por essa autora. É importante salientar que Ana Maria Nóbrega Miranda é uma brasileira nascida em 19 de agosto de 1951, em Fortaleza no estado do Ceará. Ou seja, uma brasileira com consciência de falante do século XX, logo, buscou-se investigar o quanto a intuição de uma falante do PB interferiria na escrita de uma obra que buscava, segundo as palavras da própria romancista, retratar um português do século XVI.

Ao seguir a Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1981), encontramos uma problemática na afirmação de Ana Miranda ao tentar reproduzir gramáticas, já que nesse quadro teórico, a intuição do falante nativo é o principal agente que estabelece as possibilidades e/ou impossibilidades linguísticas em uma determinada língua. Então, como ter acesso a intuição do falante em textos históricos se o falante não está presente? Como Ana Miranda pode afirmar que “incorporou” uma gramática do século XVI, se a sua intuição é de uma falante do



século XX?

Desta forma, com a finalidade de desvendar e investigar a possibilidade de uma falante de PB do século XX conseguir reproduzir, em texto escrito, uma gramática do século XVI, elaborou-se este trabalho com intuito de averiguar os sucessos e os limites dessa tarefa. Para buscar indícios da gramática produzida pela autora, realizou-se a coleta de todas as sentenças finitas produzidas por personagens em *Desmundo*. Portanto, foram desconsideradas da análise as sentenças com verbos nas três formas nominais, ou seja: infinitivo (pessoal ou impessoal), gerúndio (simples ou composto) e particípio (regular ou irregular). Após esse levantamento, os sintagmas das sentenças foram classificados em uma planilha de Excel de forma a ser possível realizar um estudo quantitativo e qualitativo - de análises de contextos - dos dados.

Dentro das sentenças selecionadas, foram estabelecidos os seguintes padrões de classificação para facilitar a identificação dos contextos:

*pro*<sup>6</sup> = para sujeito nulo;

S = para sujeito lexical;

SPR = para sujeito pronominal;

SLA = para sujeito lexical anafórico<sup>7</sup>;

C = para complemento do verbo;

Cl = para clíticos presentes nas falas dos personagens;

neg = para negação;

X = para adjuntos, conectores de texto e outros elementos.

A partir dessa classificação, esse estudo, inicialmente, buscou descrever o total de sujeitos nulos *versus* o total de sujeitos preenchidos no *corpus*; foram quantificados e classificados os tipos de orações encontradas com sujeito preenchido e com sujeito nulo, divididas da seguinte maneira: orações matrizes, subordinadas, coordenadas, relativas ou interrogativas. Ademais, foram analisados os contextos de sujeitos pré-verbais e sujeitos pós-verbais e, por fim, a partir da posição dos clíticos nas sentenças, realizou-se uma análise mais pormenorizada do fenômeno da interpolação, uma vez que a literatura, como Martins

---

<sup>6</sup> Parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981) ou “parâmetro do sujeito nulo” designam a anáfora zero/ausência de sujeito em uma sentença.

<sup>7</sup> Conforme Gravina (2008) sujeito lexical anafórico (SLA), diferentemente do sujeito lexical, em que um nome inédito desempenha o papel de sujeito, no SLA, há uma retomada daquilo que já foi dito anteriormente através de um epíteto, um pronome pessoal ou uma repetição do sintagma nominal.

(1994), Namiuti (2006) e Paixão de Sousa (2004, 2008), a caracteriza como um dos principais fatores que demonstram a mudança linguística na passagem do Português Arcaico para o Português Médio.

Em Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) encontramos algumas periodizações importantes para o nosso trabalho, porém, focamos nas duas principais, sendo a primeira delas chamada de Português Arcaico, se trata dos anos anteriores a 1400, em que fazem referência aos primeiros textos em prosa e poesia lírica. Depois, encontramos o Português Médio, que é a subdivisão que vem antes do que conhecemos por “PE”, ou seja, o Português Europeu atual. Neste caso, o PM é o que descreve a língua entre os séculos 14 a 17, ou seja, período retratado no enredo do livro estudado nesta pesquisa. Dessa forma, este trabalho adotará o termo de PM para se referenciar ao período estudado.

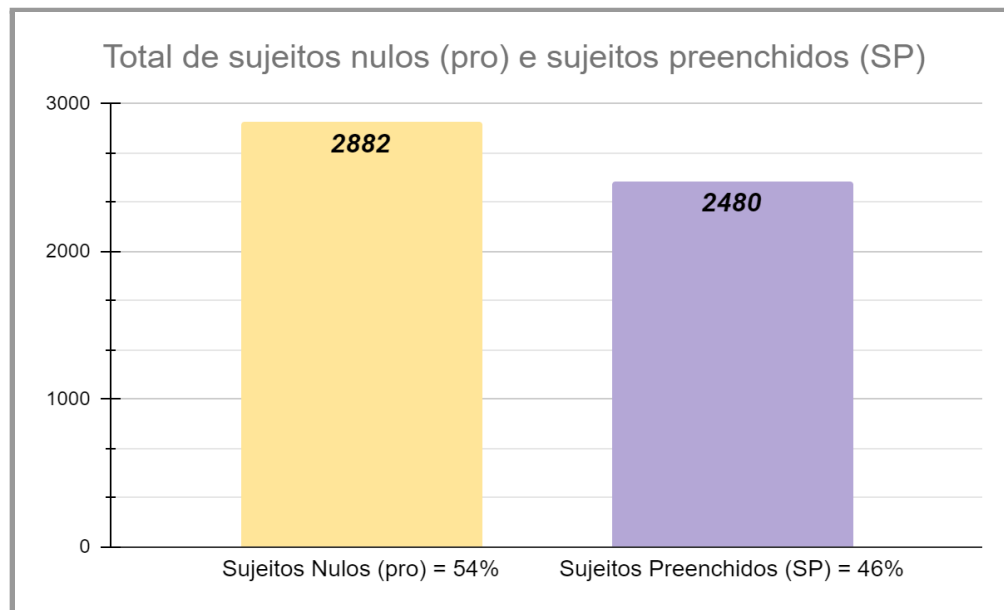
### **3. LEVANTAMENTO DE DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO DA GRAMÁTICA REPRODUZIDA EM *DESMUNDO***

A partir do levantamento dos dados quantitativos do livro *Desmundo*, foram contabilizadas um total de 5.362 sentenças com verbos finitos produzidas por personagens na obra. Desse total, buscamos apresentar primeiramente o número de sentenças com sujeito preenchido *versus* o número de sujeitos nulos. Desta forma, transformamos em gráficos os contextos encontrados para melhor entendimento, e nesta primeira análise, identificamos que o número de sujeitos nulos - *pro* - (54%) obteve um resultado bastante próximo do número de sujeitos preenchidos - SP<sup>8</sup> - (46%). Diante desses resultados, somente em relação a este fenômeno, não é possível fazer nenhuma afirmação mais aprofundada sobre a gramática produzida pela autora. Abaixo os resultados:

#### **Gráfico 1 - Total de sujeito nulo e sujeitos preenchidos no *corpus*:**

---

<sup>8</sup> Sujeitos preenchidos corresponde a somatória do sujeito lexical (S), sujeito pronominal (SPR) e sujeito lexical anafórico (SLA).

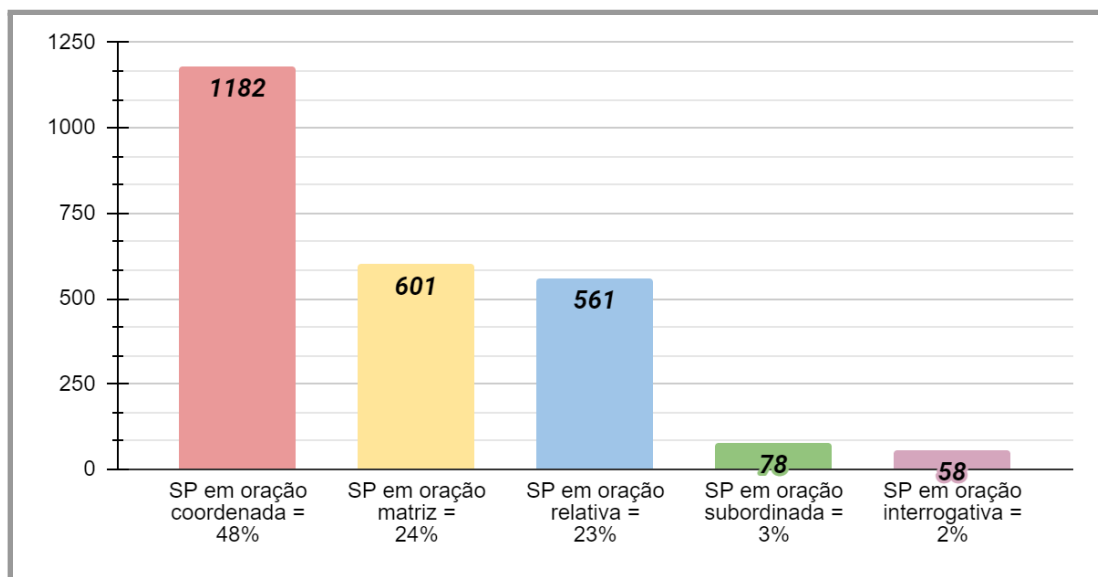


Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar no gráfico acima, há apenas 8% (402 sentenças) de diferença entre o sujeito nulo e o sujeito preenchido, um número bem próximo considerando o valor total dos dados. Sendo assim, apenas com a divisão quantitativa dos sujeitos encontrados, não podemos afirmar em qual gramática Ana Miranda baseou-se para escrever o romance. Estudos, como o de Paixão de Sousa (2008), apontam para a liberdade de ocorrência do sujeito nulo no PM. É bastante relevante a descrição do quantitativo entre o número de sujeitos nulos e sujeitos preenchidos na obra de Ana Miranda, uma vez que nos mostra indícios de uma gramática em que a realização do sujeito é “optativa”, ou seja, não há uma preferência por um contexto ou outro com relação a esse fenômeno.

Para investigar o contexto de realização/ausência de sujeito de forma mais aprofundada na obra, utilizou-se da estratégia de separar as sentenças finitas por tipo de oração, buscando indícios de alguma preferência com relação a esse aspecto. Com relação aos contextos com sujeitos preenchidos, foram encontrados os seguintes resultados:

### **Gráfico 2 - Tipos de orações encontradas com sujeito preenchido (SP):**

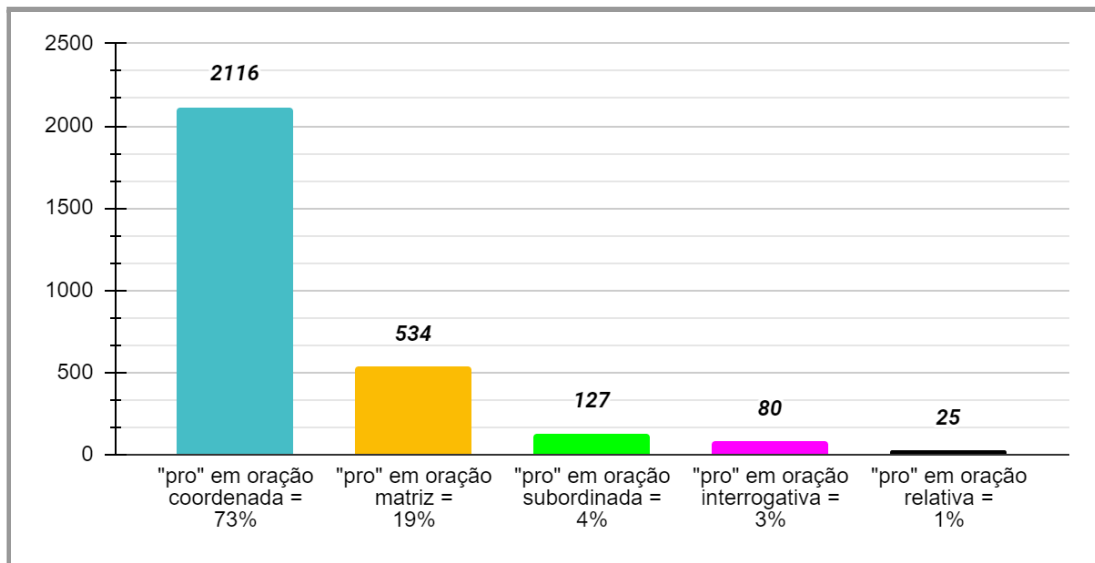


Fonte: elaborado pela autora.

O número total de sentenças com sujeito preenchido é de 2.480, dessas, 48% foram classificadas como orações coordenadas, ou seja, quase metade dos dados com esse contexto. Em seguida, obtivemos 24% de orações matrizes com sujeito preenchido; seguido de 23% de sujeitos realizados em orações relativas; 3% de realização de sujeito em orações subordinadas e apenas 2% de realização de sujeito em orações interrogativas. Em outras palavras, ao separar por tipo de orações, a preferência de realização de sujeitos ocorreu em orações coordenadas, orações matrizes e orações relativas, respectivamente, levantando a hipótese de que esses contextos não favorecem tanto o uso de sujeitos nulos.

No entanto, ao realizar a mesma subdivisão para a classificação dos sujeitos nulos, novamente, as orações coordenadas se destacaram para o contexto, até mesmo em número absoluto maior do que no sujeito preenchido. Nosso número total foi de 2.882 de orações com *pro*, sendo 73% em orações coordenadas; logo em seguida, 19% de sujeitos nulos ocorreram orações matrizes; 4% com orações subordinadas; 3% com orações interrogativas e apenas 1% com orações relativas, como pode ser visto no gráfico abaixo:

### **Gráfico 3 - Tipos de orações encontradas com sujeito nulo (*pro*):**

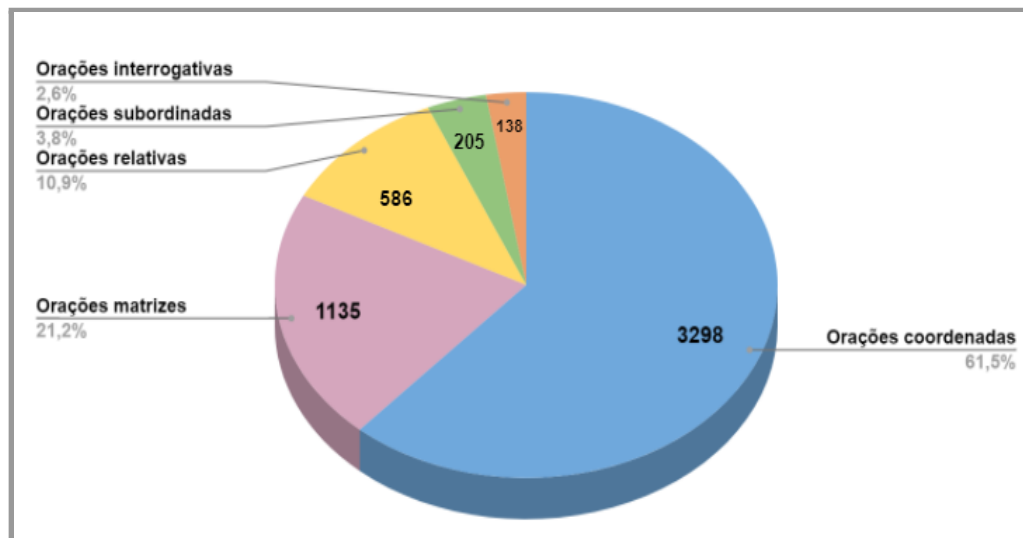


Fonte: elaborado pela autora.

Como pode ser observado, seja com sujeitos nulos ou com sujeitos preenchidos, as orações coordenadas foram os principais contextos de realização das duas formas de agrupamento de sujeitos. Esse resultado confirma a descrição inicial de ser uma gramática com “opções” para sujeito nulo e para sujeito preenchido sem apresentar a preferência de um contexto, pois tanto quantitativamente, quanto qualitativamente, com relação aos tipos de orações, não foi possível identificar um contexto preferencial. Assim, essa variação em um mesmo contexto nos dá indícios de uma gramática não uniforme produzida pela autora. Ou seja, ao produzir uma sentença coordenada finita, ora a autora preenchia o sujeito, ora deixava o sujeito nulo. Dentre os tipos de orações, as orações relativas foram as únicas sentenças que apresentaram algum tipo de preferência quantitativa pelo sujeito preenchido, quando comparado ao número de realizações desse contexto com sujeitos nulos.

A principal conclusão quantitativa que podemos afirmar sobre as tipologias das orações no *corpus* é a preponderância de sentenças coordenadas como um todo. Foram obtidas 3.298 sentenças coordenadas, o que corresponde a mais de metade dos dados totais, ou seja, 61,5% apenas desse contexto:

#### **Gráfico 4 - Totalidade dos tipos de orações:**



Fonte: elaborado pela autora.

Vale ressaltar que nos estudos do português arcaico, Rosa Virgínia Mattos e Silva (2006, p. 185) alega que “Na documentação do período arcaico o *e*, além de ligar frases, ocorre como conector de enunciados, isto é, como elo encadeador do discurso. Além disso o *e* pode coordenar quaisquer constituintes da sentença, como aliás outras conjunções aditivas e disjuntivas” com isso, entende-se que o PA tem como liberdade a realização de orações coordenadas, especialmente, nos contextos em que o sujeito é nulo, assim como no PB atual. Algo que não acontece nos dados de *Desmundo*, já que tanto com o preenchimento do sujeito quanto com o sujeito nulo, a situação é a mesma: preponderância de orações coordenadas, ou seja, mais uma vez torna-se uma gramática “optativa”.

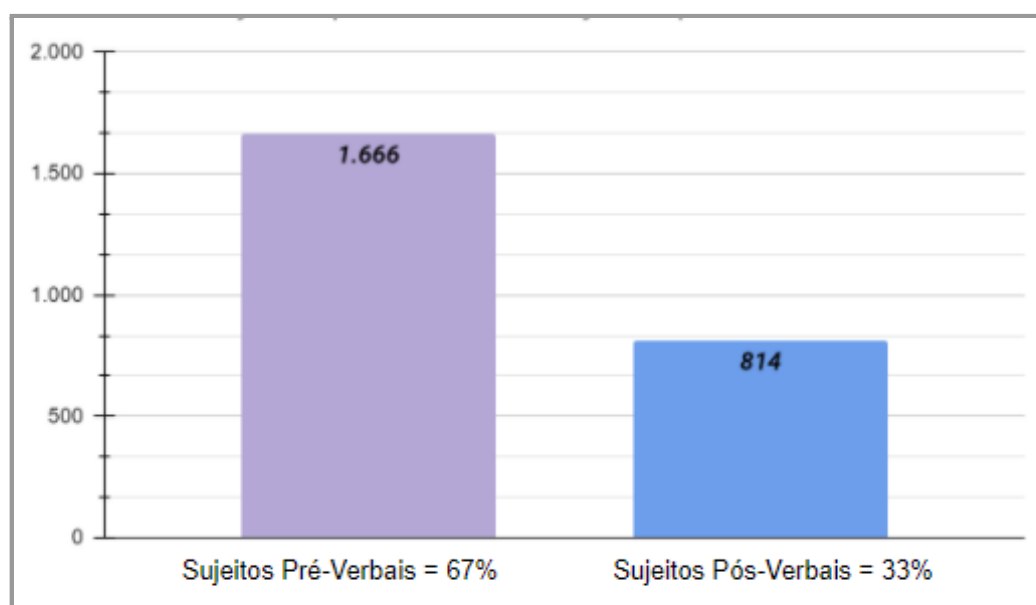
Gravina (2008) também observou uma variação no comportamento das orações coordenadas presentes no sujeito nulo em estudos diacrônicos quando comparou o *corpus* de jornais mineiros entre 1845 a 1950 e colocou em contraste os dados presentes no século XIX e no século XX, com isso, afirma que:

“Nota-se uma variação interessante no comportamento das orações coordenadas no decorrer do tempo. O número de orações com sujeito nulo cai de 95% para 71% e na primeira metade do século 20 vai para 65%. Nas orações-wh vê-se que, na segunda metade do século 19, o número de sujeitos nulos cai (77,5% para 43%), provocando um acréscimo no número de sujeito pronominal realizado. Entretanto na primeira metade do século 20, acontece algo inesperado, a porcentagem de sujeito nulo volta a ser maioria (87%), com um valor superior ao da primeira metade do século 19, o que é totalmente inesperado. Essa discrepância será explicada mais adiante, quando levaremos em consideração outros fatores para a análise”. (GRAVINA, 2008, p.92)

Portanto, há indícios que a oscilação no uso dos fenômenos gramaticais da língua está presente não só em materiais arcaicos ou do PM, mas também em documentos que possuem um passado não tão remoto.

Outra investigação realizada nas sentenças finitas da obra foi com relação à ordem do sujeito. Com isso, realizou-se o levantamento dos sujeitos preenchidos pré-verbais e dos sujeitos preenchidos pós-verbais. No total de 2.480 dados de sujeitos preenchidos, 67% foram de SP pré-verbais e 33% de SP pós-verbais:

**Gráfico 5 - Sujeitos pré-verbais em contraste com os sujeitos pós-verbais:**



Fonte: elaborado pela autora.

Com relação à ordem do sujeito, Paixão de Sousa (2006) afirma que:

[...] nos textos portugueses até o século XVIII, todo constituinte à esquerda do verbo é um elemento enfático, e que isso inclui os sujeitos. Ou seja: {SV} é um subtipo de construção {XV}, onde {X} é um elemento discursivamente saliente – um foco ou um tópico. Essa conclusão, evidentemente, equivale a dizer que o Português Médio não é uma gramática SV – exatamente o que defendi. Pude argumentar nesse sentido com base em um extenso levantamento de dados, que mostrou que nos textos dos séculos XVI e XVII, em média 20% das sentenças principais apresentam a ordem VS (sendo, na sua maior parte, XVS). O dado interessante era o contraste que isso estabelecia com os textos posteriores ao século XVIII: neles, a porcentagem de sentenças VS nunca ultrapassou os 10%. Estudando mais de perto esses 10% de sentenças VS, ainda, observei que elas equivaliam a focalizações dos sujeitos – ou seja: a assim chamada “inversão românica”, na qual a posposição do sujeito corresponde a uma ênfase discursiva sobre o elemento de referência do sujeito. Ao contrário, nas ordens XVS dos textos dos séculos XVI e XVII, a ênfase discursiva recaía sobre {X} frontado, não sobre {S} “posposto”. Assim, propus que {XVS} nos textos médios não é uma posposição do sujeito, mas sim uma anteposição de

{X}, estando o sujeito em seu lugar não-marcado. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 15).

Em resumo, Paixão de Sousa afirma que em estudos históricos dos séculos XVI e XVII a predominância da gramática não era de ordem SV, ou seja, primeiro o sujeito e depois o verbo, mas sim um fronteamto de X, no qual X é um elemento discursivamente saliente. Diferentemente do que fez Ana Miranda na construção de seu livro, a maioria das sentenças apresentam uma posição de sujeito em um local pré-verbal, sendo elas 67%, o que contraria os estudos de Paixão de Sousa. Com isso, é possível afirmar que através deste fenômeno, Ana Miranda não conseguiu atingir sucesso ao tentar reproduzir a gramática do século XVI, porém, outros elementos mais serão analisados para obter outros indícios da gramática produzida. Após a exposição desses dados quantitativos, podemos apontar alguns indícios que a gramática intuitiva do PB atual de Ana Miranda possa estar interferindo na tentativa da autora em produzir um texto do século XVI. A preferência pela produção de uma ordem SV seria um aspecto da gramática do PB atual e não uma característica de uma gramática quinhentista.

A principal indagação deste trabalho se dá através da pergunta: *é possível uma escritora do século XX representar a estrutura sintática de uma obra como se fosse pertencente ao século XVI?* Como foi visto nesta seção, com relação à presença/ausência de sujeito nas sentenças finitas, observou-se uma gramática na qual não há uma preferência quantitativa de realização desse fenômeno, sendo uma gramática “opcional” para essa realização sem uma marcação de parâmetro. Além disso, ao realizar uma análise dos contextos de realização desse fenômeno, observou-se que as orações coordenadas foram as preferenciais, quantitativamente, tanto para o uso do sujeito preenchido, quanto para o uso do sujeito nulo, ratificando o resultado de uma gramática opcional.

Com relação à ordem, a preponderância nos dados pela ordem SV seria indícios de uma gramática do PB contemporâneo, uma vez que estudos como de Paixão de Sousa (2008) apontam para um número maior de inversões de sujeitos em textos quinhentistas. Além da presença/ausência do sujeito e da ordem, o presente trabalho também averiguou a existência do fenômeno sintático da interpolação nos dados, nas próximas seções, trataremos uma discussão mais acurada e comparativa, buscando indícios para uma resposta sobre a gramática produzida por Ana Miranda na obra *Desmundo*.



#### 4. O FENÔMENO DA INTERPOLAÇÃO

Uma forma de apontar indícios para responder a gramática produzida por Ana Miranda ao escrever seu livro *Desmundo* está em fazer um estudo comparativo entre PB e PM, averiguando um fenômeno típico do período compreendido pelos anos 1400 a 1600: a interpolação, conforme Galves (2004), Namiuti (2006) e Paixão de Sousa (2004). O fenômeno da interpolação se refere a uma construção sintática em que “um ou mais constituintes aparecem entre o pronome proclítico e o verbo” (PAIXÃO DE SOUSA, 2004, p.25). Esta construção é considerada agramatical pelo PB e também inexistente no PE atual, porém, o fenômeno era recorrente, principalmente, no PA. Vale salientar que a interpolação também ocorria no PM, porém, em menor recorrência que no PA.

A interpolação é um dos principais fenômenos para denominar o fim do sistema arcaico da língua portuguesa, conforme alega Paixão de Sousa (2004). A ordem X-cl-V, construção de próclise, comporta-se de maneira diferente, possibilitando a ocorrência do fenômeno da interpolação, em que inverte a ordem dos clíticos: cl-X-V, podendo ser “X” qualquer elemento. Ou seja, o “cl” troca de posição com “X”, e assim, há um elemento posto entre o clítico e o verbo que interpola a posição da sentença, diferentemente do que acontece com a situação de próclise em que o clítico é realizado imediatamente antes do verbo. Vejamos a comparação com os exemplos de trechos retirados de *Desmundo*:

(2)

ordem x-cl-v (próclise)	[...] e <b>se embriagar</b> e contar suas coisas vergonhosas [...] p.146
ordem cl-x-v (interpolação)	[...] e <b>me ele deu</b> os baús [...] p.201

Na sintaxe do PB e do PE atual, é de conhecimento geral que as posições dos clíticos podem variar em três formas, sendo elas: próclise, ênclise e mesóclise. Porém, para os dados diacrônicos do português, Martins (1994) coloca uma outra perspectiva sintática possível na ordem dos clíticos em uma sentença, em que traz à tona o fenômeno da interpolação que não

se estruturava de forma aleatória. A interpolação no PA e no PM possuía uma preferência em ocorrer principalmente em casos que sucederiam a próclise. Ou seja, elementos proclisadores poderiam, ou não, serem interpolados entre o clítico e o verbo com diversos elementos, como por exemplo “[...] pronomes e NPs (Noun Phrase) sujeitos, QPs (Quantificational Phrase), PPs (Prepositional Phrase) e alguns advérbios” (NAMIUTI, 2006, p.173).

Os seguintes dados encontrados no *Corpus* do português histórico *Tycho Brahe*,<sup>9</sup> presente na pesquisa de Namiuti (2006), confirmam que qualquer elemento pré-verbal poderia ser interpolado nos mais diversos contextos no PA, vejamos:

(3)

- a) o advérbio de negação: “(1) que **me** nom n~ebram (NO, 1268)” (vide Martins, p. 162. 1994);
  - b) o sujeito: “(163) Isto que **lh**es eu m~ão (NO, 1275)” (vide Martins, p. 171. 1994);
  - c) um sintagma preposicional: “(108) asi como **a** até áqui derõ (NO, 1295)” (vide Martins, p. 167. 1994);
  - d) um sintagma adverbial: “(64) quando **uos** ora fez merçee (NO, 1342)” (vide Martins, p. 165. 1994);
  - e) o objeto direto: “(223) que diga **lhj** eu alguma cousa diuia (NO, 1275)” (vide Martins, p. 174. 1994);
  - f) objeto indireto: “(232) que **as** ao dicto Monsteiro deuiã Alg~uas pessoas (Lx, 1357)” (vide Martins, p. 175. 1994).
- entre outros<sup>10</sup>.

Há uma análise de estudos diacrônicos realizados por Namiuti (2006) em que se atesta que a interpolação de vários elementos, como pronomes, sujeitos, advérbios, entre outras construções, perdem força a partir do PM, entre os anos de 1400 a 1700, conforme as análises com o *Corpus Tycho Brahe*. Porém, ao observar os quadros de Martins (1994), presentes na pesquisa de Namiuti (2006), é possível perceber que as orações que possuem negação seguem um outro caminho quando colocadas em contraste com outros elementos possivelmente interpoláveis.

Abaixo, os quadros de interpolação produzidos por Martins (1994) e que foram apresentados no trabalho de Namiuti (2006), estão disponíveis para análise:

---

<sup>9</sup> O *corpus* Tycho Brahe trata-se de um acoplado de dados históricos encontrado de maneira eletrônica, nele possui textos de 1380 a 1881 em língua portuguesa, disponível para acesso em: <http://www.ime.usp.br/tycho/corpus>.

<sup>10</sup> Há outros exemplos na íntegra em: NAMIUTI TEMPONI, C. **Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português**. Caderno de estudos linguísticos, Campinas, v.48. p.171-194. 2006.

**Quadro I: Interpolação de elementos diferentes de *não***

	Sécul X III	Sécul X IV	Sécul XV	Sécul XVI
Interpolação atualizada	26/39 (66,6% )	78/113 (69,1% )	70/123 (57% )	62/120 (51,7% )
Clítico adjacente ao verbo em estruturas de potencial interpolação	13/39 (33,3% )	35/113 (30,9% )	53/123 (43% )	58/120 (48,3% )

Fonte: Martins (1994). apud: Namiuti (2006, p.174)

**Quadro II: Interpolação de *não***

	Sécul X III	Sécul X IV	Sécul XV	Sécul XVI
Interpolação atualizada	16/17 (94,1% )	30/31 (96,8% )	13/14 (90,7% )	18/20 (90% )
Clítico adjacente ao verbo em estruturas de potencial interpolação	1/17 (5,9% )	1/31 (3,2% )	1/14 (9,3% )	2/20 (10% )

Fonte: Martins (1994). apud: Namiuti (2006, p.174)

Ao analisarmos os Quadros I e II, conseguimos afirmar que com o passar do tempo, entre os séculos XIII a XVI, os diversos elementos interpolados, como sujeitos, objetos diretos e indiretos, vocativos, entre outros, perdem sua ocorrência gradualmente. Enquanto isso, é possível observar uma outra face dos elementos interpolados, através da negação, que merece atenção especial, já que segue o caminho contrário do primeiro quadro. Neste caso, a interpolação com advérbios de negação mantém seus casos com o passar dos séculos, com números próximos a 100% de interpolação de *não* de fato realizada, e números abaixo de 10% com clíticos que poderiam ser uma possível interpolação.

Com a interpolação de negação, é possível observar um período mais extenso de ocorrência em que aparece interpolada entre o clítico e o verbo, como afirma Namiuti (2006), que a partir dos textos do *Corpus Tycho Brahe* comprova que até mesmo no PE do século XIX ainda era possível encontrar essa construção sintática. Em contrapartida, o desaparecimento total de outros elementos interpolados acontece a partir do século XVI,

posterior a isso, o que se encontra são apenas resquícios de interpolação, como conclui Namiuti (2006).

Martins (1994), ao estudar textos do PA, alega que a interpolação perde sua força, no quesito de recorrência, entre o século 13 até meados dos anos 1600, porém, Namiuti (2006) declara em seus estudos nos séculos 16, 17 e 18, que apesar da interpolação sofrer uma queda, os elementos sintáticos para condicioná-la também se alteram, ou seja, não permanece com a mesma estrutura que Martins alega em seus estudos posteriores ao século 15. Além disso, Namiuti mostra que a interpolação de negação continua seguindo com o passar dos anos, enquanto a interpolação de outros elementos aparece apenas como um “resquício da interpolação medieval”, até desaparecerem por completo e tornarem-se agramaticais, tanto no PE atual, quanto no PB.

Depois do ano de 1500 a interpolação foi consideravelmente perdida, e a partir disso, é um período de transição, que chamamos de PM. Como apresenta Galves (2004), Namiuti (2006) e Paixão de Sousa (2004, 2008), as autoras concordam que a melhor forma para se referir aos textos publicados entre os anos 1400 a 1600 é através da denominação PM. Namiuti (2006, p. 178) alega que “[...] a interpolação de constituintes diferentes da negação desaparece por completo dos textos no século 17”, ou seja, todos os elementos diferentes de “não” que aparecem interpolados a partir do século 16, se tratam de um reflexo de “competição de gramáticas”. Além disso, Namiuti ainda alerta que quando escritores pertencentes ao século 17 utilizam a interpolação, estão apenas tentando reproduzir a gramática antiga, porém, não possuem a consciência de um falante do PA porque o fenômeno de interpolação já não faz mais parte deste período.

Ao verificar o nosso *corpus* de análise, que se trata de um livro em que a autora tenta aproximar o enredo com o século 16, é interessante observar a existência do fenômeno da interpolação. Ana Miranda utiliza a construção em algumas partes do texto, o que coincidentemente ou não, o fenômeno é uma condição defendida por Namiuti (2006) como ainda produtiva no PM, período que a obra representa. Desta forma, para responder qual gramática a romancista mais se aproxima ao escrever seu feito, analisaremos as sentenças que foram interpoladas presentes no *corpus* obtido em *Desmundo*.

## **5. INTERPOLAÇÃO EM *DESMUNDO***

O conceito de “gramática” fundamentado neste estudo é a partir da Teoria Gerativa, em que tal conceito nos remete à possibilidade de se gerarem estruturas internalizadas, daí o nome gerativismo. No entanto, essa possibilidade é limitada pela “Gramática Universal” (GU), que estaria presente na mente/cérebro dos falantes, fazendo parte das faculdades inatas de todo indivíduo. Essa gramática seria composta por princípios – estes universais e imutáveis – e parâmetros – estes variáveis, sendo fixados diferentemente em gramáticas particulares. Segundo Chomsky e Lasnik (1993), os parâmetros são os responsáveis por determinar os limites de variação entre as gramáticas particulares. Nesse sentido, cada gramática representa um conjunto particular de valores parametrizados, que emergem no processo de aquisição da linguagem do falante, a partir da interação entre os princípios da GU e os dados linguísticos a que a criança tem acesso, dados esses produzidos pelas gerações anteriores à sua.

Apesar de Ana Miranda ter nascido em 1951 e publicado seu livro em 1996, é possível verificar que a autora de fato realizou estudos gramaticais profundos para escrever seu romance, assim como ela mesma atesta. Afinal, foi possível encontrar 32 elementos interpolados, que seguem a ordem cl-X-V, construção sintática típica do português quinhentista. Porém, mesmo conseguindo realizar este fenômeno no enredo de seu livro, não é possível afirmar que “incorporou-se” uma gramática do século XVI. De qualquer modo, vamos analisar os três casos de interpolações do que chamamos de “X” na classificação de nosso *corpus*, que podem ser preposições ou então adjuntos adverbiais, como é o caso dos exemplos coletados. Depois, os seis casos de interpolações de sujeito, e posteriormente os 23 casos de interpolação do advérbio de negação. Vejamos os dados:

#### INTERPOLAÇÃO DE “X”

(4)

[...] e escuros desvãos <u>por se assim querer</u> [...]	X Cl X V	p.87
[...] <u>para que lhe mais tarde roesse os calcanhares</u> [...]	X Cl X V O	p.115
[...] <u>se Deus os já conhecia?</u> [...]	X S Cl X V	p.200

#### INTERPOLAÇÃO DE SUJEITO

(5)

[...] <u>que lhes ninguém podia resistir</u> [...]	X Cl S V V	p.93
Por tua obrigação de amor maternal <u>que te a natureza obriga</u> [...]	X Cl S V	p.97
[...] <u>se vos eu arrebatara</u> [...]	X Cl S V	p.179
[...] respondesse a propósito <u>ao que lhe eu perguntasse</u> [...]	X Cl S V	p.181
[...] <u>que me eu entregara ao mouro</u> [...]	X Cl S V O	p.198
[...] <u>e me ele deu os baús</u> [...]	X Cl S V O	p.201

### INTERPOLAÇÃO DE NEGAÇÃO

(6)

[...] das mulheres públicas das pedras do cais e outras falas <u>que se não podia ouvir</u> .	X Cl Neg V V	p.22
[...] <u>que se não poderia ter juízo</u> de onde vinham [...]	X Cl Neg V V X	p.23
[...] como <u>se lhes não houvesse desterro</u> [...]	X Cl Neg V O	p.26
[...] que <u>dela me não podia livrar</u> [...]	O Cl Neg V V	p.29
[...] e <u>se os não havia mais no reino</u> era que estavam batizados e mouriscos ou espalhados pelas feitorias [...]	X Cl Neg V X	p.29
[...] <u>que me não posso queixar</u> [...]	X Cl Neg V V	p.30
[...] e <u>que as não deixássemos por demais fiar</u> [...]	X Cl Neg V X	p.44
[...] <u>que os não queriam doutrinados</u> para servirem aos seus propósitos [...]	X Cl Neg V O	p.50
[...] <u>por que me não buscas</u> [...]	X Cl Neg V	p.57
[...] <u>daqueles reflexos se não podiam esperar menos grandezas</u> [...]	S Cl Neg V VO	p.76
[...] <u>que me não atrevera</u> a declarar com palavras mais nada [...]	X Cl Neg V O	p.86
[...] e que <u>os sobejos de sua comida se não pudessem misturar com os das outras freiras</u> . [...]	S Cl Neg V VO	p.88
[...] o corpo obrara a fazer <u>o que se não defende</u> . [...]	S Cl Neg V	p.89
[...] <u>para que te não fira o coração</u> [...]	X Cl Neg V S	p.89
[...] e <u>mesmo assim se não chegava</u> . [...]	X Cl Neg V	p.123

[...] <u>me não deixasse vacilar em meus intentos</u> [...]	CI Neg V V O	p.137
Que <u>te não levem os portugueses em suas naus</u> [...]	X CI Neg V S O	p.143
[...] <u>que me não ia matar</u> [...]	X CI Neg V V	p.163
[...] <u>que se nem ouvia</u> [...]	X CI Neg V	p.185
[...] <u>fazia se não grunhir</u> [...]	CI Neg V	p.191
[...] <u>porque o não podia ver</u> [...]	X CI Neg V V	p.194
[...] <u>me não devia censurar</u> mas tratar mais para edificar do que para perverter [...]	CI Neg V V	p.198
[...] e <u>de o não entender</u> [...]	X CI Neg V	p.199

A interpolação feita por Ana Miranda, de fato, faz parte do que a literatura prevê, conforme Namiuti (2006), pois é um período de transição, em que elementos como adjuntos adverbiais, preposições, sujeitos, entre outros, estão em queda na posição de interpolação, porém, ainda são possíveis encontrá-los, mesmo que com baixa recorrência. Já em relação aos elementos de negação, que são a maioria dos dados interpolados, ainda é possível encontrar em textos escritos posteriores ao século 17, pois esse fenômeno perdura mais tempo que a interpolação de outros elementos.

Ao analisar os dados, possuímos 32 casos de interpolação no geral, sendo 23 interpolações de negação, totalizando 72%, seis sujeitos interpolados representando 19%, e 9% sendo as outras três interpolações de outros elementos variados, que encontramos na forma de adjuntos adverbiais de tempo e modo. Então, como a própria autora relata, de fato ela buscou elementos suficientes para realizar uma gramática próxima ao século XVI ao escrever o enredo de seu romance e obteve sucesso no âmbito das interpolações, principalmente pela negação ser a maior porcentagem encontrada enquanto os outros elementos de fato perdem a força conforme relata Namiuti (2006).

Em contrapartida, como pôde ser visto na seção três deste trabalho, a autora não obteve o mesmo sucesso com outros fenômenos. Assim, para dar seguimento aos estudos de quais gramáticas Ana Miranda utilizou em seu livro, será analisado um pouco mais da descrição do uso dos clíticos no trabalho da autora. Afinal, é necessário um levantamento mais detalhado referente a este tema, já que em relação a interpolação a romancista de fato consegue realizar construções que eram comuns para o período do século XVI, e totalmente

agramaticais para uma falante do século XX, do qual ela faz parte sendo nascida em 1951. Porém, também é necessária a análise dos clíticos de maneira geral encontrados na obra *Desmundo*, em que conseguimos ter um aparato de maneira mais amplificada referente às próclises, ênclises e mesóclises coletadas no *corpus* de *Desmundo*.

## 6. OS CLÍTICOS EM *DESMUNDO*

Ao concluir a investigação relacionada à interpolação em *Desmundo*, também é de grande importância analisar a presença dos clíticos como um todo. Afinal, os fenômenos de próclise, ênclise e mesóclise são as formas que os clíticos são encontrados no PB e no PE atual, porém, essas formas também eram construções presentes em gramáticas do PA e do PM. E para entender melhor os resultados obtidos no *corpus* coletado de *Desmundo*, como primeiro ponto é necessário trazer os estudos de Lobo (1992) em que se afirma que o século XVI é predominantemente proclítico, ou seja, os outros elementos como ênclise e mesóclise, também ocorriam, isso não quer dizer que tenham seus dados zerados em materiais de estudo, porém, aconteciam com menor incidência.

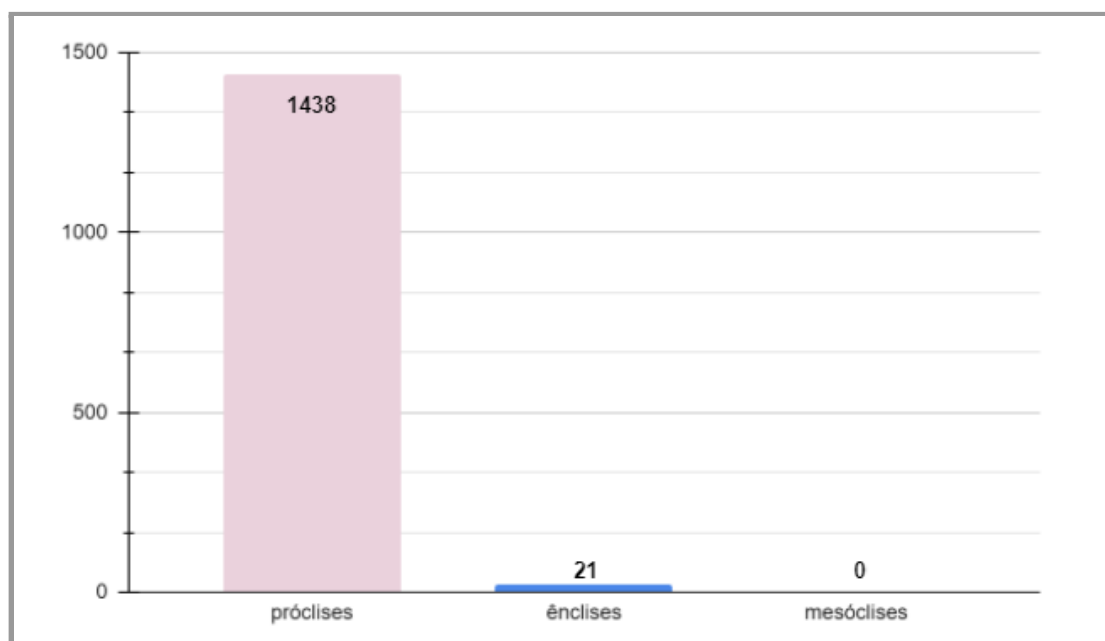
Apesar da próclise aparecer com maior frequência em estudos do século XVI, é necessário analisar também os caminhos percorridos pela próclise, ênclise e mesóclise, entre o século XVI e o século XX, sendo este último século o período de nascimento de Ana Miranda. Conforme Rocha (2009), que trouxe estudos de Galves (2003), foi possível perceber, em análises de textos disponíveis no *Corpus Tycho Brahe*, que a partir do século XVIII, fica evidente que o PE caminha para uma direção enclítica.

É necessária uma certa atenção ao analisar a posição dos clíticos e fazer um estudo comparativo entre o PM e o PB, afinal, o PB tem por preferência a realização da próclise, o mesmo fenômeno que o PM do século XVI, sendo necessário cautela com os dados encontrados em *Desmundo*. Afinal, a predominância das próclises pode ser de fato intencional, refletindo o estudo que Ana Miranda realizou para escrever o romance, porém, também pode ser um reflexo da sua consciência de falante do PB do século XX. Isso porque, atualmente no PB, a próclise também é um contexto preferencial.



Porém, há um elemento que chama atenção ao analisar a totalidade dos clíticos em *Desmundo*: a ausência de mesóclise. Das 1.459 sentenças que possuem clíticos no *corpus*, 1.438 são próclises, 21 são ênclises, e zero mesóclises, o que agora sim podemos afirmar que pode haver indícios de uma gramática do século XX, já que a mesóclise também era encontrada em gramáticas no PA e do PM, mesmo que com baixa ocorrência, o que não justifica o fato de zero mesóclises no contexto presente em *Desmundo*. Vejamos:

**Gráfico 6 - Os clíticos encontrados no *corpus* de *Desmundo*:**



Fonte: elaborado pela autora.

Apesar do número excessivo de próclises quando colocadas em contraste com as ênclises encontradas no *corpus*, segundo Lobo (1992), é como a gramática do século XVI se comportava, porém, ter o número total de mesóclises zeradas, vai contra os estudos de Mattos e Silva (2006, p. 195) que alega:

A mesóclise, que só pode ocorrer com verbos no futuro do presente e do pretérito, pelas razões já conhecidas, não é obrigatória com essas formas verbais: nas subordinadas ocorre a próclise (a); nas principais com o verbo em posição inicial absoluta ocorre a mesóclise ou a ênclise (b) e precedido o verbo de outros constituintes as três possibilidades atual ©; nas coordenadas também as três posições ocorrem (d).”

Ou seja, apesar da mesóclise também acontecer em menor incidência nos estudos do século XVI, ainda assim era possível encontrar essa construção sem dificuldade, com isso, não justifica um *corpus* com 1.459 sentenças que possuem clíticos, nenhuma sequer possuir a mesóclise para representar o século XVI.

Sendo assim, a partir da análise dos clíticos totais, novamente, é possível perceber que há indícios que a gramática do século XX esteja influenciando na construção do romance de Ana Miranda. Afinal, o único elemento relacionado aos clíticos que a autora obtém sucesso ao investigar as próclises, ênclises e mesóclises em sua totalidade, se trata do maior número de próclises, porém, este fenômeno além de ser pertencente à gramática do século XVI, também é uma característica da sintaxe do século XX. Deste modo, a ausência de mesóclise é um fator importante para concluir que novamente é possível ver a influência da consciência do falante interferindo no enredo do livro que tem como objetivo reproduzir falas quinhentistas, como afirmava a autora.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se alicerçou em um estudo quantitativo das possíveis “gramáticas” presentes nas falas das personagens do livro *Desmundo*, escrito por Ana Miranda. Desta forma, todas as sentenças da obra que expressam falas foram transcritas em uma planilha do Excel e isso definiu o nosso *corpus* de análise que possibilitou o presente estudo, mas também possibilitará estudos futuros. Foram coletadas um total de 5.362 dados, em que cada um deles foi classificado pela presença/ausência do sujeito, ordem do sujeito, classificação da sentença e ordem da colocação pronominal clítica.

O léxico arcaico que *Desmundo* possui, de fato, faz com que a leitura se torne um pouco cansativa, como afirma Amorim (2007). Porém, após uma análise mais detalhada, observou-se que o texto escrito produzido vai muito além de palavras em desuso no português brasileiro atual. A posição do sujeito, os tipos de orações, o preenchimento - ou não - do sujeito, a posição dos clíticos, a presença de interpolação, todos esses fenômenos encontrados no decorrer da análise, tornam *Desmundo* uma obra que ainda pode produzir discussões muito interessantes na área da sintaxe.

Inicialmente, na relação entre o número de sujeito nulos *versus* o número de sujeitos preenchidos, observou-se uma certa “opcionalidade”, já que não segue um padrão. Ao encontrarmos 54% de sujeitos nulos e 46% de sujeitos preenchidos, observa-se que não há uma preferência, portanto, não foi possível aprofundar e apontar quais seriam os indícios dessa gramática com relação a esse fenômeno. Foram necessárias as descrições de outros fenômenos sintáticos para que se pudesse correlacionar os fenômenos apresentados. O sujeito nulo era o preferencial no PM, conforme indicam estudos de Paixão de Sousa (2004), porém, mesmo tendo 8% de ocorrências maiores que o sujeito preenchido, não é possível confirmar qual gramática Ana Miranda alicerçou-se ao produzir esse contexto, por isso, entende-se que neste quesito trata-se de uma gramática optativa por parte da escritora.

Faraco (2006, p.167) afirma que “[...] embora cada língua fixe os parâmetros variáveis da GU de formas diferentes, assume-se que ocorrem coincidências na fixação de determinados parâmetros, o que permite reunir as línguas, por esses critérios estruturais, em subconjuntos (tipos) que partilham características comuns”. Com isso, caberia aqui analisar se os parâmetros fixados seguiram uma ordem ou se seriam apresentados de maneira aleatória, porém, como não é possível confirmar uma fixação desses parâmetros através do preenchimento - ou não - do sujeito, também não é possível concluir qual gramática a autora baseou-se através deste quesito, já que possuímos um número muito próximo de um preenchimento ou sujeito nulo.

Além disso, o excesso de orações coordenadas é outro item que merece atenção. Ao fragmentar os tipos de orações dentro da subdivisão de sujeitos preenchidos e nulos, nota-se o contraste muito evidente de qual construção era preferível pela autora. Diferentemente do fenômeno analisado no parágrafo anterior, em que possui um número muito próximo entre os contextos analisados, em contrapartida, em relação aos tipos de orações nota-se o efeito contrário. Em 2.480 orações com SP, 48% foram classificadas como coordenadas, e por conseguinte, em 2.882 orações com *pro*, encontra-se 73% de ocorrência do mesmo tipo de oração se repetindo, ou seja, dentro das cinco tipologias de orações, como um todo foram encontradas 3.298 sentenças coordenadas das 5.362 sentenças totais. Sendo assim, neste contexto, nota-se que a partir de Mattos e Silva (2006) tudo indica que estamos lidando com indícios de uma gramática do PB, já que novamente não houve um critério de parâmetros, pois as orações coordenadas são preferência tanto em SP quanto em *pro*.

Em relação a inversão do sujeito, encontra-se 2.480 dados de sujeitos preenchidos, em

que 67% são SP pré-verbais e 33% SP pós-verbais, porém, neste quesito, contraria o que Paixão de Sousa (2004) conclui, já que em estudos históricos dos séculos XVI e XVII, a predominância da gramática não era de ordem SV. Deste modo, o fenômeno encontrado em *Desmundo* não vai ao encontro dos dados históricos. Com base nesta construção em específico, fica evidente que Ana Miranda não conseguiu se aproximar do seu objetivo de reproduzir uma gramática quinhentista em relação à inversão do sujeito.

Após as análises realizadas acerca dos clíticos, principalmente com relação ao contraste encontrado nas orações que possuem próclise em comparação com as que possuem ênclise, e nenhuma manifestação de mesóclise, não é possível afirmar se de fato a autora utilizou o PM para escrever sua obra. Em contrapartida, a interpolação encontrada, principalmente da forma com que foi colocada, observa-se que houve um certo cuidado da gramática daquele período, já que é possível encontrar um número maior de sentenças com negação interpolada, do que de outros elementos, seguindo o que Namiuti (2006) afirma.

Desta forma, quando citamos a interpolação, Ana Miranda obteve sucesso neste âmbito, já que se trata de uma construção totalmente agramatical para uma falante do português brasileiro do século XX e ela conseguiu projetar em sua obra da forma que a literatura prevê. Porém, a falta da mesóclise é algo notável, já que se coletou 1.459 sentenças que possuíam clíticos e em nenhuma delas encontra-se a mesóclise, apenas a próclise e ênclise.

Portanto, conclui-se que a gramática que Ana Miranda utilizou para escrever *Desmundo*, a partir dos contextos analisados neste trabalho, trata-se de uma gramática mista, já que a interpolação mostra indícios de uma gramática do PA e também resquícios do PM. Porém, a falta de mesóclise, a não inversão do sujeito, o excesso de orações coordenadas em SP e em *pro*, mostram indícios da presença da gramática atual da falante que escreveu a obra, se trata de uma intuição de construções sintáticas do século XX, assim como mostram trabalhos descritivos e analíticos na área formal gerativista.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Luis Carlos. **Desmundo**: uma nova língua? Literatura para Vestibular, Uol, 2007. Disponível em: Acesso em 15 de abril de 2021.

ASSIS, Adriana C. H. de. **O Palimpsesto Amoroso em Desmundo**: contos de fadas. SP: Fatea, 2007.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N; LASNIK, H. **The theory of Principles and Parameter**. In: JACOBS, J; WATECHOW, A; STERNEFELD, W & VENNEMANN, T (orgs). *Syntax: An International Handbook of contemporary Research*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GALVES, Charlotte. **Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística**. Universidade Estadual de Campinas - Projeto de pesquisa FAPESP - Campinas. 2004.

GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Novas perspectivas para antigas questões**: revisitando a periodização da língua portuguesa. Universidade Estadual de Campinas. 2006. Disponível em [https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/namiuti/gnps\\_2006.pdf](https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/namiuti/gnps_2006.pdf) (*relatório de pesquisa*).

GRAVINA, Aline Peixoto. **A natureza do sujeito nulo na diacronia do PB**: estudos de um corpus mineiro (1845-1950). 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Campinas, SP: [s.n.], 2008.

LOBO, Tânia Conceição Freire. **A Colocação dos Clíticos em Português**: Duas Sincronias em Confronto. 1992. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português**. 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MIRANDA, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NAMIUTI TEMPONI, Cristiane. **Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português**. Caderno de estudos linguísticos, Campinas, v.48. p.171-194. 2006.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca**: Sintaxe e História do Português nos anos 1600. 2004. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PAIXÃO de SOUSA, M.C. **Padrões de Ordem Sujeito-Verbo do Português Médio ao Português Europeu Moderno**. Comunicação ao V Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, Universidade Federal de Alagoas (UFA). Maceió, 22 de novembro de 2006.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Valências verbais no Português Clássico**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística. 2008. Disponível em <https://www.academia.edu/7840907> (*relatório de pesquisa*).

ROCHA, Nilzete da Silva. **Clíticos: ingrediente na cozinha portuguesa do século XVII**. 2009. Dissertação de Mestrado - Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VICENTE, Gil. **Auto da Barca do Inferno**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

**RESUMEN:** En este trabajo se discuten datos sobre fenómenos sintácticos, a saber: sujeto nulo, inversión de sujeto (VS), colocación de clíticos e interpolación, resultados cuantitativos y cualitativos, encontrados en la obra *Desmundo*, de Ana Miranda (1996). La trama de la historia relata la trayectoria de jóvenes huérfanas que fueron enviadas a Brasil, en 1555, para casarse con los cristianos que habitaban la colonia. La autora afirma haber estudiado textos de los siglos XV y XVI para escribir los versos de los personajes, por lo que afirma haber reproducido el portugués del siglo XVI en su novela. A partir de este contexto, este trabajo realizó un relevamiento de datos a partir de las construcciones sintácticas de los diálogos de los personajes de *Desmundo*. Metodológicamente, se verificó la cantidad de sujetos llenos (SP) en contraste con los sujetos nulos (SN); se clasificaron las tipologías de las cláusulas, si son coordinadas, matrices, subordinadas, interrogativas y/o relativas; Se describieron y cuantificaron los datos obtenidos de los sujetos preverbiales realizados (SV) y de los sujetos posverbiales realizados (VS); se describió la posición preferente de los clíticos, proclisis, ênclis y mesoclis; y se describió el fenómeno de la interpolación, construcción presente sólo en el portugués arcaico (PA) y en el PM. Después de analizar todas las oraciones obtenidas en el corpus con estos contextos, se concluyó que el autor reprodujo una gramática mixta, ya que hay elementos que remiten a la reproducción de PM, como el uso de la interpolación, sin embargo, también es posible ver la conciencia gramatical de un hablante del Portugués Brasileño del siglo XX interfiriendo en las oraciones, especialmente por la ausencia del uso de la mesoclis en la obra.

**PALABRAS-CLAVE:** teoría generativa; portugués quinhentista; portugués brasileño; interpolación.